

Econ. Brasil

# Panorama

• O desemprego é alto, os juros exorbitantes e a economia não está em recessão. É este o quadro do país segundo o empresário Bóris Tabacof, diretor de economia da Fiesp. Ele tem várias razões para achar que o ambiente não é de recessão. O mais claro é o Indicador de Nível de Atividade. É espantoso que a economia esteja resistindo aos juros. Bóris tem a explicação: "O brasileiro é o oposto do japonês, tem propensão ao consumo."

Qualquer país que dobre os juros e os leve a 40% ao ano, como ocorreu em outubro, seis meses depois estará afundado em recessão. Existe um tempo entre um choque de juros e seus efeitos mais perversos sobre a economia. Pelo livro-texto, agora deveria estar se sentindo o efeito de queda de vendas e produção, resultado de decisões de cancelamento de investimento e postergação de consumo tomadas pelos agentes econômicos.

Ninguém quer dizer com isso que a economia brasileira resiste a quaisquer juros. Eles são nocivos aqui, como em qualquer lugar, mas a economia resistiu de forma impressionante à elevação dos juros provocada pela crise da Ásia, principalmente porque foi uma alta brutal.

O INA e as vendas reais mantêm, como se pode ver nos gráficos abaixo, a tendência de alta. Houve apenas um soluço na passagem do ano. O empresário Bóris Tabacof diz que hoje é muito mais difícil saber o que se passa na economia.

— Quando ela era fechada e regulada era mais previsível e homogênea. Naquela época, ela crescia em todos os setores ao mesmo tempo. Agora, tudo depende de uma infinidade de fatores — diz.

Os últimos dados, segundo o empresário, mostram que bens duráveis tiveram uma recuperação depois de uma grande queda no final do ano. A produção de automóveis está se recuperando por causa das exportações. O setor de infra-estrutura, material ferro-

viário, equipamentos de telecomunicações — como rádio base e celular — estão crescendo fortemente empurrados pela privatização.

— O setor de material ferroviário está com as carteiras abarrotadas — afirmou Bóris.

O setor de tratores e caminhões também está bem. Construção civil tem números positivos também. O setor têxtil e de confecções está "enigmático" como definiu o empresário. É muito amplo, pulverizado e heterogêneo. Nele, algumas empresas vão bem e outras vão muito mal. Calçados e brinquedos estão avançando no seu processo de recuperação. O setor de autopeças segundo ele está "indeciso" e não necessariamente acompanha o que acontece na indústria automobilística porque enfrenta também uma mudança na forma de produção das montadoras. Químico e petroquímico está com alta de vendas, mas enfrenta junto com alumínio e celulose queda de preços no mercado internacional. As exportações estão gradualmente melhorando e o câmbio teve nos últimos anos pequena recuperação real.

Esta é a avaliação feita pelo empresário que tem entre as suas funções a de fazer a análise econômica para a Fiesp. E resume: "Recessão? Nem de longe!"

Mas o número de 4% de crescimento no INA no mês passado não deve se repetir nos próximos meses. As vendas cresceram 7,6%. Ele acha que o INA continuará positivo, mas não tanto.